

# O sentimento do sentimento do que nos acontece: a consciência em Damásio

---

RONALDO BISPO

**O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si** de António Damásio (trad. Laura T. Motta; revisão técnica Luiz H.M. Castro). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 474 pp.

**Resumo** O texto a seguir apresenta em linhas gerais a concepção de consciência de António Damásio desenvolvida em seu livro *The Feeling of What Happens – body and emotion in the making of consciousness*. Nele, o autor, baseado em sua experiência como médico e neurocientista, sugere que a consciência é um sentimento de si gerado pelo relato não-verbal resultante da percepção concomitante das alterações orgânicas e do objeto que as provoca.

**Palavras-chave** consciência, emoção, sentimento

**Abstract** The review shows António Damásio's consciousness conception developed in his book *The Feeling of What Happens – body and emotion in the making of consciousness*. There, the author, based on his experience as doctor and neuroscientist, suggest that the consciousness is a feeling of self as generated by non-verbal report and as a consequence of the concurrent perception of the organic alterations and of the object that provokes them.

**Key words** consciousness, emotion, feeling

Ao contrário do que poderia parecer para alguns precipitados, longe estamos do fim da ciência, da arte, da história ou de qualquer outra atividade humana individual ou social. Na ciência, em particular, questões cruciais permanecem em aberto, novas descobertas e invenções podem a qualquer momento abalar nosso conhecimento sedimentado e alguns temas continuam gerando acaloradas e polêmicas discussões.

Um desses temas ou questões que ainda não recebeu resposta adequada, e para alguns nem estatuto científico, é a consciência. Como e por que ela surgiu? Qual sua natureza ontológica? Quais suas propriedades? O que a sustenta? Cientistas cognitivos, filósofos, neurofisiologistas seguem correndo contra o tempo, e uns contra os outros, na busca de soluções consistentes para essa e outras perguntas.

Uma tentativa recente de enfrentar esse espinhoso e escorregadio campo problemático partiu de um dos mais respeitados e famosos neurocientistas da atualidade, o português radicado nos Estados Unidos António Damásio. *O mistério da consciência*, tradução brasileira do original inglês *The feeling of what happens – body and emotion in the making of consciousness*, é um extraordinário esforço por compreender o fenômeno da consciência a partir de estudos neuropsicológicos, neurofisiológicos e neuroanatômicos. Nele, Damásio expõe com clareza e elegância sua concepção pessoal do que é consciência, desenvolvida ao longo de anos de pesquisa experimental, curiosidade filosófica e tratamento de pacientes com os mais variados tipos de dano neurológico.

Para começar, Damásio esclarece que há dois tipos distintos de problemas envolvendo a consciência. O primeiro investiga como o cérebro, no organismo humano, é capaz de transformar um padrão neural (ou objeto) em um padrão mental (ou imagem). Dito de outro modo, como surge a narrativa ou filme multi-sensorial que caracteriza nossos estados mentais. Objeto, aqui, é a designação geral para coisas tão variadas como um rosto, uma música, uma dor de barriga ou uma experiência estética; imagem é um padrão mental em qualquer modalidade sensorial, como, por exemplo, uma imagem sonora, uma imagem tátil, a imagem de um estado de bem estar.

Da perspectiva da neurobiologia, resolver esse primeiro problema é descobrir como o cérebro produz padrões neurais em seus circuitos de células nervosas e como ele consegue converter esses padrões neurais nos padrões mentais explícitos que constituem o nível mais elevado do fenômeno biológico, o qual desigmo por imagens (p. 25).

Para Damásio, responder a esse problema significa também enfrentar a questão filosófica dos *qualia*, as qualidades sensoriais simples encontradas nos objetos,

e, para ele, ainda que um dia a neurobiologia possa explicá-los, neste momento a explicação que ela oferece ainda é incompleta e lacunar.

O segundo problema da consciência investiga como, concomitantemente ao engendramento de padrões mentais (imagens) para um objeto, o cérebro também faz emergir um sentido do *self*<sup>1</sup> no ato de conhecer. Como o corpo cria a sensação de um eu implicado em cada um de seus estados mentais. O que o autor está sugerindo é que uma coisa é compreender como objetos se tornam imagens, e outra é compreender como conhecemos que existe um *self* ao qual estas imagens estão relacionadas. Usando a metáfora do filme no cérebro, podemos dizer que há um conjunto de padrões neurais que cria uma sucessiva e quase ininterrupta narrativa sem palavras – desde a hora em que acordamos até o momento em que adormecemos, e também durante o sono REM no qual sonhamos – responsável pela sensação de si mesmo que cada um tem à qual vem modificar todas as outras narrativas representadas pelos objetos por nós percebidos. São filmes dentro do filme. Mesmo que não tenhamos “consciência” do sentido do *self* implicado em cada uma das imagens sensoriais percebidas e evocadas, ele está ali o tempo todo dizendo que somos nós que estamos criando essas imagens e não outros.

Resolver o segundo problema da consciência consiste em descobrir os alicerces biológicos da curiosa capacidade que nós, humanos, possuímos de construir não só os padrões mentais de um objeto – as imagens de pessoas, lugares, melodias e de suas relações; em suma, as imagens mentais, integradas no tempo e no espaço, de algo a ser conhecido –, mas também os padrões mentais que transmitem, de maneira automática e natural, o sentido de um *self* no ato de conhecer (p. 27).

Em seguida, Damásio esclarece que a divisão da questão da consciência em dois problemas responde a uma necessidade metodológica e que no fundo ambos estão intimamente relacionados. Em suma, diz o autor, a consciência, de seus níveis elementares aos mais complexos, é o padrão mental unificado que reúne o objeto e o *self*, é um fenômeno que ocorre como parte do processo privado de primeira pessoa que denominamos mente.

O *mistério da consciência* tenta responder ao segundo problema da consciência, o problema do *self*. Mesmo admitindo não tê-lo exatamente solucionado e acreditando que no atual estágio da neurociência e da ciência cognitiva é ainda duvi-

1 Aqui cabe uma explicação. A tradução nacional evitou verter o vocábulo *self* e manteve-o como no original em inglês por sugestão do próprio autor. Como explica nota do revisor da tradução, em português (e nas línguas neolatinas) não existe uma palavra que traduza com exatidão o conceito de *self* apresentado no livro.

dosa a idéia de resolvê-lo, Damásio passa então a descrever sua hipótese do que é a consciência em termos mentais e como esta pode ser construída no cérebro humano. Para tanto, recupera a distinção entre emoção e sentimento avançada em seu livro anterior *O erro de Descartes* (Damásio 1996). Para o autor, a consciência é evolutivamente posterior e intimamente dependente dessas duas outras propriedades do organismo humano. De modo inusitado e heterodoxo, Damásio recupera a concepção desacreditada de William James e define emoção como o conjunto de reações orgânicas, a maior parte delas publicamente observáveis, ou o conjunto complexo de reações químicas e neurais em face da percepção de um objeto externo ou interno. Emoções, portanto, são observáveis do ponto de vista de uma terceira pessoa (expressão facial, ritmo dos movimentos do corpo) e são quantificáveis (batimento cardíaco, sudorese, etc.). Paralelamente, sentimentos são resultados da percepção dessa mudança na paisagem corporal e são acessíveis apenas na perspectiva de primeira pessoa. Sentir uma emoção consiste em ter imagens mentais originadas em padrões neurais representativos das mudanças no corpo e no cérebro que compõem uma emoção. A consciência surgiria como um sentimento do sentimento. A seqüência então seria: um objeto é percebido pelo organismo, essa percepção ativa circuitos cerebrais e esses estimulam mudanças no funcionamento do corpo (emoção); essa ativação e essas mudanças são percebidas por outros circuitos cerebrais (sentimento); um padrão neuronal de segunda ordem tem lugar reunindo a percepção do objeto percebido inicialmente e a percepção das mudanças na paisagem corporal (consciência). A maior dificuldade enfrentada por Damásio é provar que essas são, de fato, três propriedades distintas e não-coincidentes. Boa parte do livro é dedicada a isso. Inúmeros exemplos de pacientes com danos cerebrais demonstram a relativa independência desses três estágios da percepção consciente. Há aqueles que se emocionam, mas não sentem sua emoção; há outros que se emocionam, sentem sua emoção, mas não sabem que o que estão sentindo está relacionado ao seu *self*.

Detalhando mais minuciosamente os vários estágios que constituem o fenômeno da consciência humana, Damásio introduz uma série de novas propriedades. A primeira é o *proto-self*. Damásio afirma que o sentido do *self* possui um precedente biológico pré-consciente. O *proto-self* seria um conjunto coerente de padrões neurais que mapeiam, a cada momento, o estado da estrutura física do organismo nas suas numerosas dimensões. Não somos conscientes do *proto-self*. Um exemplo de *proto-self* poderia ser o padrão neural formado pelo funcionamento sadio do fígado de um indivíduo. Em uma situação habitual, não temos consciência da existência de nosso fígado e, no entanto, seu funcionamento está permanente-

mente sendo mapeado e enviado ao cérebro. É precisamente uma mudança significativa do estado do *proto-self* que faz surgir uma outra propriedade denominada por Damásio de *self* central. Ele explica que a essência biológica do *self* central é a representação, em um mapa de segunda ordem, do *proto-self* sendo modificado. O *self* central é caracterizado ainda como o protagonista transitório da consciência gerado por qualquer objeto que acione o mecanismo da "consciência central".

Damásio fornece uma definição não muito distinta de "consciência central" e freqüentemente somos levados a tomá-la como sinônimo de *self* central. A "consciência central" ocorre quando os mecanismos cerebrais de representação geram um relato imagético, não-verbal, de como o estado do organismo é afetado pelo processamento de um objeto por esse mesmo organismo, e quando esse processo realça a imagem do objeto causativo, destacando-o assim em um contexto espacial e temporal.

*A consciência central* é gerada de modo pulsante, para cada conteúdo do qual devemos estar conscientes. Ela é o conhecimento que se materializa quando alguém se vê diante de um objeto, construindo um padrão neural para ele e descobrindo automaticamente que a imagem do objeto agora realçada é formada de sua perspectiva, que lhe pertence (p. 167).

Voltando ao *self* central, Damásio esclarece que este pode ser acionado por qualquer objeto, que o mecanismo de sua produção sofre mudanças mínimas no decorrer de toda vida e que devido à permanente disponibilidade de objetos acionadores ele é gerado continuamente, parecendo contínuo no tempo. Em resumo: arriscaríamos dizer que a "consciência central" seria a imagem mental e o *self* central o padrão neural do conjunto resultante do processamento concomitante do organismo e de um objeto realçado que o modifica em um determinado momento. O que é o mesmo que dizer que a percepção imagética do *self* central redundava na "consciência central". Um sentimento e um relato de segunda ordem, portanto.

As três outras novas propriedades que complementam o quadro da consciência levantado pelo autor são: memória autobiográfica, *self* autobiográfico e consciência ampliada. A memória autobiográfica é constituída por memórias implícitas de múltiplos exemplos de experiência individual do passado vivido e do futuro antevisto e tem como base os aspectos invariáveis da biografia de um indivíduo. Ela cresce continuamente com a experiência de vida e pode ser parcialmente remodelada para refletir novas experiências. Baseado na memória autobiográfica, o *self* autobiográfico é organizado em registros permanentes, mas dispositivos de experiência do *self* central. Esses registros dispositivos podem ser ativados como padrões neurais e

transformados em imagens explícitas sempre que necessário. O *self* autobiográfico requer a presença de um *self* central para iniciar seu desenvolvimento gradual, assim como requer o mecanismo da consciência central para a ativação de suas memórias. Cada memória reativada opera como um "algo a ser conhecido" e gera seu próprio pulso de consciência central. O resultado é o *self* autobiográfico do qual somos conscientes.

Finalmente, a consciência ampliada é caracterizada por Damásio como o estágio mais evoluído da experiência consciente. Ela vai além do aqui e agora da consciência central e nos dá a visão de conjunto da nossa vida individual e particular. A consciência ampliada é resultado do conjunto de memórias registradas por cada pulso de consciência central e exige uma memória operacional para reter por um certo tempo as imagens recuperadas. Nela, o sentido do *self* surge na exibição consistente e reiterada de algumas de nossas memórias pessoais, os objetos de nosso passado pessoal, aqueles que podem facilmente dar substância a nossa identidade, momento a momento.

A consciência é, assim, tanto em seu modo central como ampliado, um sentimento de algo a ser conhecido, um fenômeno mental sustentado por circuitos e sistemas neurofisiológicos que garantem ao indivíduo um sentido do *self* complexo e duradouro.

Curioso perceber que, segundo a concepção de Damásio, os mecanismos que engendram a consciência são relativamente distintos e independentes dos mecanismos responsáveis pela construção de outras de nossas funções mentais superiores, tais como visão, audição, inteligência, memória, linguagem verbal. Pacientes com danos neurológicos demonstram a capacidade que o corpo pode ter de continuar fazendo mapas coerentes de um objeto percebido externamente mesmo não mais sendo capaz de criar um saber de que está vendo algo.

Damásio detalha ainda as estruturas e áreas cerebrais envolvidas em cada uma das propriedades sugeridas, descreve inúmeras evidências para cada uma de suas proposições, mas ainda assim sabe que se tratam apenas de hipóteses, que ainda não é possível bater o martelo quanto a veracidade das mesmas. Mesmo não tendo exatamente resolvido o problema da consciência, Damásio parece ter dado um passo importantíssimo nessa direção. Seu rigor científico, sua experiência profissional colocam-no em patamar privilegiado para o desvendamento dessa problemática complexa, na linha de frente representada pela neurofisiologia. Outros especialistas devem ser chamados a contribuir – filósofos, cientistas cognitivos, semioticistas –, e dessa frente ampla podemos esperar melhores resultados.

Mais especificamente duas questões permanecem sem explicação. A primeira,

referida no início dessa resenha, é como exatamente um padrão neural é convertido em um padrão mental? Como obtemos a qualidade que experimentamos em nossas sensações? A outra, diretamente ligada a anterior e mais ainda às preocupações de Damásio, diz respeito à compreensão da natureza íntima dos sentimentos. Que um sentimento seja a percepção de uma emoção pode parecer razoável, mas de que são feitos exatamente os sentimentos, da percepção precisa de que eles emergem? Quais os diferentes correlatos orgânicos para sentimentos tão próximos quanto respeito, admiração ou reverência?

A consciência parece ser assim. De tão íntima, tão próxima, e também por termos que usá-la ao mesmo tempo como instrumento e objeto de conhecimento, sua explicação e compreensão surgem e desaparecem intermitentemente. Caso o leitor termine o livro com a sensação de que não é capaz de reter por muito tempo a idéia de consciência proposta pelo autor, não se preocupe, retome a argumentação, concentre-se em seus estados mentais e ela retornará – brevemente.

Finalmente, para aqueles que ainda estranham o comentário crítico sobre os avanços em ciências cognitivas em geral no contexto de uma revista de comunicação, semiótica e cultura, lembramos que é precisamente a consciência que nos permite saber o que sentimos e o que conhecemos, e só através de sua compreensão, levada a cabo por aquelas ciências, poderemos nos comunicar cada vez mais e melhor.

## REFERÊNCIA

Damásio, Antônio R. (1996). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras.

RONALDO BISPO é professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas, membro do Centro de Estudos em Semiótica e Complexidade e doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.  
ronaldobispo@terra.com.br

*Resenha agendada em novembro de 2002 e  
aprovada em janeiro de 2003.*